

pressionava contra a sua boca para a manter totalmente fechada.

Percebi desde que conheci o Martin que ele era feito para o seu trabalho e o seu trabalho era feito para si. Tive o privilégio de conhecer e de estudar com alguns grandes académicos, e trabalho actualmente com alguns aqui em Hillsdale College. Mas nunca vi alguém com tanta capacidade para dominar os detalhes e para transformá-los em ordem e sentido. Nunca vi alguém tão diligente e cuidadoso em assegurar que o que escrevia reflectia as provas que tinha em sua posse.

Os seus esforços lembra-me uma das mais brilhantes passagens que Churchill escreveu sobre os grandes pintores:

... tentar pintar uma imagem é, supor-nho, como tentar lutar uma batalha. Se alguma coisa, é mesmo mais emocionante do que lutá-la com sucesso. Mas o princípio é o mesmo. É o mesmo tipo de problema, como o desdobramento de um longo, sustentado e intrincado argumento. É uma proposição que, quer composta por poucas ou muitas partes,

é comandada por uma unidade singular de concepção. E nos pensamos – apesar de não o podermos dizer – que pintar uma grande imagem requer um intelecto a uma grande escala. Tem de existir aquela visão que tudo abrange que apresenta o início e o fim, o todo e cada parte, como uma impressão instantânea retentiva e incansavelmente mantida na mente. Quando olhamos para os grandes Turners – telas com metros de largura e altura – e observamos que são todas feitas numa peça e representam um único segundo do tempo, e que qualquer inúmero detalhe, por mais pequeno que seja, por mais subordinada que seja, é lá disposto naturalmente e na sua verdadeira proporção e relação, sem esforço, sem falha, temos que nos sentir na presença de uma manifestação intelectual igual na qualidade e na intensidade das mais elevadas conquistas de acção bélica, de argumento forense, ou de adjudicação científica ou filosófica.

Que isto seja uma descrição dos feitos de Sir Martin no desenvolvimento

deste Grande Trabalho.

Irei terminar com dois pontos de natureza pessoal. O primeiro é uma palavra de louvor para com os membros da família mais próxima de Sir Martin. Conheço a sua maioria – Helen, Susie, Natalie, David, Josh, Margaret e Esther – há décadas, tendo o seu apoio sido sempre inabalável. A mulher de Martin, Esther tem sido brava, corajosa, forte e afectuosa em cuidar dele nos bons e maus momentos.

A segunda é uma palavra sobre este homem que foi meu professor e empregador. Para quem um estudante tem uma dívida que não pode ser paga. No meu pago a minha dívida é agravada pelo facto de que conheci a minha mulher, de agora há trinta e três anos, na sua casa. Durante muito do tempo que trabalhamos para Martin, Penny Houghton, agora Arnn, foi o único outro membro da equipa, e isto permitiu-me o privilégio que ainda hoje estimo que a ter conhecido. O exemplo de Sir Martin, que observámos e procurámos seguir agora por mais de três décadas, é um dos grandes benefícios que colhemos. ■

Mestre da Cronologia

Martin Gilbert tem respeito pelo que costumava ser chamado “os leitores gerais” que, apesar de tudo, ainda existem.

Cronologia, cronologia”, Martin Gilbert uma vez disse-me, “cronologia é tudo: é a chave para escrever história de forma apropriada”. Ele está certo e, em comparação com todas as modernas e em voga teorias de história como brincar com a cronologia, adoptando abordagens temáticas ou deterministas, a teoria de Martin é ainda de longe a melhor, e suspeito que sempre o



POR
Andrew Roberts

Historiador. Autor de *History of the English - Speaking Peoples in the 20th century*

será. A sua insistência em contar ao leitor o que aconteceu a seguir, com absoluta integridade, em vez de tentar extrapolar teoremas políticos ou filosóficos de eventos, faz com que a narrativa que emerge permita ao leitor exercer o seu próprio julgamento sobre os eventos descritos.

A forma de Martin escrever a história está, desta forma, presente directamente na tradição dos grandes historiadores do passado, pessoas que confiavam nos seus leitores, em vez de esperar palestrar-los, mudá-los, doutriná-los ou simplesmente induzi-los em erro. Neste sentido, ele é um professor superior a Eric Hobsbawm, E. H. Carr, André Deutsch, E. P. Thompson, Manning Clark, Christopher Hill, Howard Zinn e outros cujas representações do passado foram guiadas pelo desejo de impor uma ideologia abrangente, em vez de simplesmente contar aos seus leitores o que tinha de facto acontecido. Talvez por essa razão, Martin nunca foi reconhecido de forma apropriada pela academia pelo que ele sem dúvida é: um dos nossos maiores historiadores vivos.

Ao contrário de alguns outros historiadores, Martin é sempre um democrata demasiado genuíno e natural para

querer doutrinar; ele tem respeito pelo que costumava ser chamado “os leitores gerais” que, apesar de tudo, ainda existe. Ele acredita que ter ao lhe serem dados os factos – e não existe maior distribuidor de factos vivo hoje do que ele – uma pessoa razoável iria alcançar conclusões moralmente defensáveis e inteligentes. Num sentido é uma das bases da civilização, cuja defesa é a preocupação de tantos livros de Martin. Está no cerne do conceitos judaico-cristãos de debate livre e de interacção livre de ideias, aos quais Martin dedicou talvez a mais activa (seguramente em termos de número de livros publicados) vida intelectual de qualquer historiador de primeira linha.

O judaísmo de Martin é uma parte vital da sua vida e trabalho, que surge tão poderosamente nos seus livros sobre o Holocausto. Neles, o leitor é capaz de sentir os males horríveis do totalitarismo sem os mencionar em voz alta de forma gratuita ou condescendente. A

humanidade pura dos livros de Martin emerge directamente da sua celebração e compromisso permanente dos valores judaico-cristãos. Onde quer que pudessem encontrar exemplos de pessoas a agir decentemente, mesmo nas menos promissoras circunstâncias, ele garantia que essas histórias seriam contadas.

A cronologia é evidentemente central para a sua biografia oficial de Churchill. Tal como Martin me explicou quando o conheci pela primeira vez – quando eu estava a escrever uma biografia do Lord Halifax nos finais dos anos 80 – é apenas tentando descobrir o que Churchill sabia em qualquer momento exacto que poderia ser possível julgá-lo, e isso poderia apenas ser alcançado através do domínio da, por vezes massivamente complexa, cronologia da sua vida e carreira.

Este é o motivo pelo qual Martin criou o vasto sistema cartão-índice registando cronologicamente e virtualmente cada dia da vida de Churchill. Quem sabia o

quê, quando e como agiram com base na informação é a própria matéria da história; apenas através dela pode o que Churchill chamava “o grave inquérito da história” ser julgado de forma justa.

É ainda o motivo pelo qual Martin foi também uma boa escolha como membro da Comissão de Inquérito de Sir John Chilcot à guerra do Iraque. Aqui Martin estava no serviço à nação tanto quanto qualquer um dos heróis sobre os quais escreveu nos seus livros sobre as duas guerras mundiais.

Um gigante da historiografia que rejeita as abordagens modernistas e se mantém fiel à cronologia, à narrativa e às melhores práticas da sua profissão; um trabalhador Stakhanovite no simples número de obras publicadas, cada uma das quais de elevada qualidade; um verdadeiro crente na superioridade dos valores judaico-cristãos em relação ao totalitarismo; um amigo que ajudaria sempre os seus companheiros historiadores, por mais juniores que fossem. Este é Sir Martin Gilbert. ■

“Cosmos a partir do Caos”: Gilbert como Arquivista

O meu primeiro encontro sério com o trabalho de Martin Gilbert foi em 1955, quando consegui uma entrevista para o posto de Arquivista/Funcionário de Exibições do *Churchill Archives Centre*, um de uma equipa que trabalhava nos *Churchill Papers*, agora garantidos para a nação britânica com a ajuda do *Heritage Lottery Funding*.

Foi um projecto assustador, que se tornou pior pelo facto de eu não ter lido nada sobre história do século XX desde a universidade. Como preparação li primeiro o clássico de Sir Martin, *In Search of Churchill*. Isso valeu-me provavelmente o trabalho, pelo que não é surpreendente que se mantenha como um dos meus favoritos pessoais. Contudo, é também um texto muito de arqui-



POR
**Allen
Packwood**

Director do *Churchill Archives*, *Churchill College Cambridge*

vista. Porque descreve como Sir Martin definiu a enorme tarefa de investigar e trabalhar através dos seus materiais de fontes primárias, de seguir o rasto a papéis e de dirigir histórias orais para criar o seu próprio arquivo Churchill juntamente com os *Churchill Papers*.

Uma década depois e tive o prazer que me fosse mostrado o arquivo Gilbert pelo próprio Sir Martin. Ocupava a maior parte da sua casa e transbordava